

## MOTIVAÇÕES PARA A MANUTENÇÃO DO CASAMENTO<sup>1</sup>

**Lúcio Andrade Silva**<sup>2</sup>, Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4867-3936>  
**Fabio Scorsolini-Comin**<sup>3 4</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>  
**Manoel Antônio dos Santos**<sup>3</sup>, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8214-7767>

**RESUMO.** Os casamentos longevos constituem fonte importante para se investigar a dinâmica conjugal e suas transformações ao longo do tempo. Este estudo objetivou compreender as principais motivações ou explicações para a manutenção do casamento em uniões de longa duração. Com cada um dos 25 casais unidos há mais de 30 anos foram realizadas três entrevistas, sendo duas individuais e uma com a díade, totalizando 75 entrevistas em profundidade, analisadas a partir da literatura científica na área da conjugalidade. As motivações se estruturam ora acerca de aspectos individuais, ora acerca de elementos compartilhados pelo par, ora acerca de componentes procedentes do próprio casamento, revelando notadamente a afetividade e a ideia herdada de indissolubilidade do laço conjugal como explicações essenciais à manutenção do relacionamento. Assim, as motivações parecem ser direcionadas pelas experiências afetivas, como as vivências próprias, dos antepassados e das redes sociais próximas, incluindo a religião, que reafirmam o casamento em seu caráter tradicional e indissolúvel.

**Palavras-chave:** Relações conjugais; casamento; dinâmica de casal.

## MOTIVATIONS FOR THE MAINTENANCE OF MARRIAGE

**ABSTRACT.** Increasingly, long-term marriages, or in other words, unions that last for more than 30 years, set a major source to investigate marital dynamics and their transformations over time. This study aimed to understand the main reasons or explanations for the maintenance of marriage in long-term relationships. With each of the 25 married couples for more than 30 years, three interviews were conducted, two individual interviews and one with the dyad, totaling 75 in depth-interviews, analyzed from the scientific literature in the area of conjugality. Motivations are structured either on individual aspects, either on elements shared by the couple, or either on components from the marriage itself, remarkably revealing the affectivity and the inherited idea of the indissolubility of marital bond as essential explanations for the maintenance of the relationship. Thus, the reasons seem to be driven by affective experiences, such as one's own experiences, ancestors and close social networks, including religion, which reaffirm marriage in its traditional and indissoluble character.

<sup>1</sup> Apoio e financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Processo 162649/2013-4) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG, Edital de Demanda Universal).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil.

<sup>4</sup> E-mail: fabio.scorsolini@usp.br



**Keywords:** Marital relations; marriage; couple dynamics.

## **LAS MOTIVACIONES PARA EL MANTENIMIENTO DE LA BODA**

**RESUMEN.** Cada vez más los matrimonios duraderos, esto es, los que tienen más de treinta años, son amplia fuente para investigar la dinámica de pareja y sus cambios en el tiempo. En este estudio se tuvo como objetivo comprender las principales motivaciones o explicaciones para el mantenimiento de la boda en los matrimonios de larga duración. Con cada una de las 25 parejas reunidas desde hace más de 30 años se realizaron tres entrevistas, siendo dos individuales y una con la pareja, totalizando 75 entrevistas en profundidad, analizadas a partir de la literatura científica en el área de la vida conyugal. Las motivaciones están estructuradas o en aspectos individuales, o de elementos compartidos por la pareja, o acerca de los componentes propios de la boda, sobre todo revelando el afecto y la idea heredada de la indisolubilidad del vínculo matrimonial como explicaciones esenciales para mantener la relación. Por lo tanto, las motivaciones parecen estar dirigidas por las experiencias afectivas, como sus propias experiencias, las experiencias de los antepasados y las experiencias de las redes sociales cercanas, incluyendo la religión, que reafirman el matrimonio en su carácter tradicional e indisoluble.

**Palabras clave:** Relaciones conyugales; matrimonio; dinámica de pareja.

### **Introdução**

Falar de conjugalidade é tratar de um nicho de relações humanas complexo e dinâmico e, por isso, de difícil generalização e conceituação. O relacionamento conjugal, por si só, é multifacetado pelo choque da busca de espaço para se desenvolver ao mesmo tempo em que o parceiro se desenvolve. Na perspectiva psicanalítica, as identidades individuais e a identidade conjugal compõem o 'um e um são três' (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010), articulando um cenário dinâmico e permeado por conflitos.

É claro que a configuração desse cenário se esteia no modo como cada cônjuge irá absorver as circunstâncias, adversas ou favoráveis, da própria vida e da vida a dois no dia a dia. Essa percepção deriva das habilidades que o casal tem para lidar, adequadamente ou não, com elas (Fonseca & Duarte, 2014), equivalendo dizer que estratégias mais eficazes se relacionam com percepções mais favoráveis da própria relação, e vice-versa, e por isso aproximando a qualidade conjugal ao bem-estar individual e à longevidade, e à saúde em termos mais globais (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Margelisch, Schneewind, Violette, & Perrig-Chiello, 2015). Na mesma linha de raciocínio vale sublinhar que essa correspondência pode desencadear feedbacks sobre o próprio funcionamento conjugal, uma vez que atitudes e posturas que tendem a manter o equilíbrio conjugal arquetam-se com base no próprio laço conjugal, enquanto fonte de bem-estar. Assim, o coping diádico de suporte contribui para a consolidação da satisfação conjugal (Landis, Peter-Wright, Martin, & Bodenmann, 2013), enquanto origem de análises positivas sobre os esforços do par.

A satisfação conjugal é entendida como uma complexa rede de recursos e percepções acerca da vivência a dois. Mesmo que alguns estudos tenham conseguido identificar elementos que a constroem, ela ainda é apontada como multifatorial (Féres-

Carneiro & Diniz Neto, 2010; Karney & Bradbury, 1995; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Rizzon, Mossman, & Wagner, 2013; Wagner & Falcke, 2001). O modo como as identidades dos cônjuges compõem continuamente a noção de conjugalidade é respaldado por indícios de que, com o passar dos anos, as vivências emocionais dos cônjuges orientam atitudes menos destrutivas e mais construtivas, podendo consolidar motivação para a manutenção do casamento (Carstensen, Gottman, & Levenson, 1995). Ainda assim, é necessário considerar que nem sempre a manutenção do casamento pode ser explicada ou atribuída exclusivamente à satisfação conjugal, uma vez que casais considerados infelizes podem se manter unidos, por exemplo, por motivações tais como religiosidade, parentalidade, compromisso com a família, entre outras variáveis (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017; Grizólio, Scorsolini-Comin, & Santos, 2015).

Considerando as diversas variáveis possivelmente envolvidas nesse fenômeno, apresenta-se cada vez mais a necessidade de compreender como as uniões vêm se mantendo, ainda mais quando a avaliação da satisfação pode se apresentar na forma de motivações ou explicações para a manutenção do casamento. Em um tempo em que os espaços humanos são notadamente marcados pela fugacidade e solubilidade dos laços (Bauman, 2004), o casamento não mais ocupa um lugar essencial no projeto de vida dos indivíduos; sua concretização é concebida como um acontecimento evolutivo (Zordan & Wagner, 2009). Permanecer na ótica desse processo de individualização é indispensável à percepção de como as relações conjugais vêm se esboçando, quando se pensa que, na contemporaneidade, o amor e outros afetos provenientes de um relacionamento a dois podem validar a singularidade do 'eu' e reconhecer os parceiros enquanto autênticos e especiais (Singly, 2005), confirmando a ideia da busca por uma vinculação que atenda às exigências de satisfação de cada um (Carvalho & Paiva, 2010).

Essa 'ideologia da emancipação' instiga os jovens, cada vez mais bombardeados com veiculações acerca do aumento do número de divórcios e da instabilidade financeira, a se questionarem sobre o próprio planejamento de vida, colocando-os em um impasse que parece trazer a dissolução da liberdade individual ao se escolher levar adiante um projeto de vida a dois (Borges, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2014). Todas essas questões levam à adoção de posicionamentos que os fazem buscar resultados mais imediatos, refletindo em um estilo de vida mais descompromissado que se funde perfeitamente ao senso de constante adaptação às instabilidades de um mundo sem garantias de futuro (Gallagher, Féres-Carneiro, & Henriques, 2013). A herança dessas intensas modificações sociais, culturais e humanas é uma conjuntura paralela e paradoxal entre o antigo e o novo, despojada cada vez mais de modelos régios e únicos de representação social.

Nesse contexto, faz-se premente discutir sobre como os casamentos e as uniões estáveis vêm se desenhando na contemporaneidade (Scorsolini-Comin & Santos, 2012), buscando o desenvolvimento de teorias e práticas clínicas mais contextualizadas e fundamentadas (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010). Este estudo tem o intuito de explorar a dinâmica conjugal em casais unidos há mais de 30 anos, ou seja, em casamentos de longa duração, que já passaram por diversos desafios e experiências ao longo do ciclo vital e do ciclo de vida familiar (Alves-Silva et al., 2017; Norgren et al., 2004; O'Leary, Acevedo, Aron, Huddy, & Mashek, 2012; Petrican, Moscovitch, & Grady, 2014; Rosowsky, King, Coolidge, Rhoades, & Segal, 2012), consistindo em uma fonte primordial para ampliar o campo de compreensão da dinâmica interacional e da conjugalidade. Alves-Silva, Scorsolini-Comin e Santos (2016) discutem, em sua revisão sistemática referente ao acervo científico da conjugalidade, que apesar de os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística [IBGE] (2013) reconhecerem a elevação do número de casamentos e do número de divórcios nos últimos anos no cenário nacional, os estudos têm apresentado vertiginoso interesse em investigar as razões envolvidas na decisão do divórcio ou a compreensão das dinâmicas conjugais, sem direcionar o enfoque para o campo dos relacionamentos de longa duração.

O longo tempo que passaram juntos pode expor o quanto os parceiros engendram modos exclusivos para manter o relacionamento, revelando as condutas de percepção e resolução dos problemas que melhor se adequam à realidade de cada cônjuge. Esses modos desvelam-se como estratégias, exprimindo estilos únicos de administrar a conjugalidade ao mesmo tempo em que se convive com o outro, interferindo também no próprio desenvolvimento (Garcia & Tassara, 2003). Assim, partindo dessas considerações, o objetivo deste estudo foi compreender as principais motivações ou explicações para a manutenção do casamento em uniões de longa duração.

## **Método**

### **Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo amparado na abordagem qualitativa de pesquisa, de corte transversal, embasado na literatura científica acerca da conjugalidade. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores (Processo 2011/1936).

### **Participantes**

Participaram deste estudo 25 casais heterossexuais, unidos consensualmente (união civil ou estável) por, no mínimo, 30 anos, sem terem se separado e sem estarem em processo de separação conjugal e com pelo menos um filho. Todos os casais são provenientes de cidades do interior dos Estados de Minas Gerais e São Paulo, e a caracterização dos participantes encontra-se na seção de resultados e discussão.

### **Instrumentos**

Foram empregados os seguintes instrumentos: (a) técnica da história oral de vida, para permitir uma expressão da memória que valoriza o modo singular de construção das histórias e das experiências de cada indivíduo (Meihy, 2006); (b) entrevista semiestruturada com cada cônjuge e (c) entrevista semiestruturada com o casal. A realização deste estudo teve origem numa resposta a uma questão mais ampla, sobre as transformações da conjugalidade ao longo do tempo nesses arranjos conjugais, em que foi possível notar o importante papel das motivações na manutenção do casamento. A construção dos formulários, elaborados pelos próprios autores para nortear as entrevistas, teve como objetivo colher as informações básicas, como idade, religião, escolaridade e número de filhos, e também ampliar as questões pertinentes ao delineamento conjugal ao longo do tempo, como a transição da vida de solteiro para a vida de casado, a construção da intimidade do casal e as estratégias utilizadas pela díade para manejar as dificuldades e os desafios provenientes da vida a dois. Os roteiros desses formulários apresentavam tópicos que foram repetidos tanto na entrevista individual quanto na entrevista com o casal, a fim de verificar se a presença ou ausência do parceiro promoveria variação nas respostas.

## Procedimentos

**Coleta de dados.** Os potenciais participantes foram localizados a partir de contatos da rede social dos pesquisadores e, posteriormente, indicados mediante o procedimento conhecido como bola de neve. As entrevistas tiveram início após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram realizadas uma única vez com cada casal. Inicialmente entrevistou-se cada cônjuge separadamente e, em seguida, realizou-se a entrevista com ambos, resultando em um total de três entrevistas por casal, totalizando 75 entrevistas. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e literalmente para a composição do corpus deste estudo.

**Análise dos dados.** As transcrições foram submetidas à análise de conteúdo a partir do método descrito por Bardin (2010). Trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que consiste em um leque de recursos que confluem para um mesmo fim: o de avaliar heurísticamente e inferencialmente o interdito da comunicabilidade humana. Neste caso, diz respeito a uma descrição analítica dos significados, que é o tratamento das informações contidas nos discursos, de modo temático. A leitura minuciosa dos relatos dos participantes permitiu, assim, o destaque das motivações ou explicações mencionadas como importantes para a manutenção do casamento. Em seguida, elas foram agrupadas em categorias de acordo com suas semelhanças e convergências temáticas. Tais categorias foram, então, quantificadas em termos de suas frequências, expressas pelas menções nas entrevistas, tanto nas entrevistas individuais como nas de casal. Depois dessa quantificação, foram analisadas em profundidade, a partir dos estudos no campo da conjugalidade, as quatro categorias consideradas mais significativas, ou seja, que apresentaram maior frequência de menções, a partir das falas de todo o *corpus*.

## Resultados e discussão

O perfil da amostra revelou que os casais estavam unidos havia 39,48 anos em média (DP = 6,76), com idade média de 64,06 anos (DP = 13,26) e com 3,48 filhos aproximadamente (DP = 1,58), sendo que todos os casais tinham pelo menos um filho. A idade mínima dos participantes foi de 51 e a máxima de 82 anos, e o menor tempo de união observado foi de 32 anos e o maior de 53 anos. Em relação ao trabalho, 15 esposas eram donas de casa (60%), três aposentadas (12%), duas vendedoras (8%), duas professoras (8%), uma técnica de enfermagem (4%), uma lavadeira (4%) e uma camareira (4%). Já com os maridos, três eram motoristas (12%), três pedreiros (12%), três aposentados (12%), dois comerciantes (8%), dois eletricitas (8%) e as demais ocupações mencionadas foram operador de máquinas, lavrador, serralheiro, funcionário público, administrador, autônomo, jardineiro, agricultor, marceneiro, artesão, engenheiro agrônomo e consultor, cada uma com um registro.

Sobre a religiosidade, 18 esposas se consideram católicas (72%); quatro evangélicas (16%), duas espíritas (8%) e uma sem religião (4%). Também 18 esposos se consideram católicos (72%), três sem religião (12%), dois evangélicos (8%) e dois espíritas (8%). Apenas seis casais apresentaram discordância entre a religião dos cônjuges: em três desses casais ambos os cônjuges exprimem religiões distintas entre si, enquanto que nos outros três algum dos cônjuges não se define como fazendo parte de uma religião. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria das esposas possui o ensino fundamental incompleto

(n=11; 44%), seguidas pelo superior completo (n=6; 24%). A maioria dos esposos possui o ensino fundamental incompleto (n=15; 60%), seguidos pelo superior completo (n=4; 16%).

A análise de conteúdo revelou quatro categorias de motivações/explicações utilizadas para a manutenção do relacionamento, que foram aglutinadas em termos da frequência de incidência (menção) nos relatos dos entrevistados: 1ª) afetividade (f = 148); 2ª) casamento como instituição considerada tradicional (f = 113); 3ª) necessidade de adaptação (f = 42); 4ª) impossibilidade de conceber a separação conjugal (f = 28). Tais categorias serão exploradas mais detidamente a seguir.

### **Categoria 1: afetividade**

A afetividade, enquanto expressão existencial daquilo que foi intimamente experienciado e significado, foi destacada em 148 menções ao longo das entrevistas, sendo 55 delas por parte das esposas (37,16%), 52 por parte dos maridos (35,14%) e 41 pelo casal (27,70%), e diz respeito a elementos como carinho, cuidado, respeito, compreensão, renúncia, aceitação, tolerância, diálogo, sinceridade, fidelidade, perdão, companheirismo, ausência de violência ou apoio emocional, ou menções que trazem uma visão otimista da experiência de vida a dois.

Quando questionados sobre os sustentáculos da vida a dois ao longo dos anos, os casais majoritariamente sugeriram que a construção da intimidade e da cumplicidade entre os parceiros, quando permeada de afetos positivos correspondentes, frutos de mútua dedicação, acaba convergindo tanto ao bem-estar individual quanto ao conjugal. Essa correspondência baliza-se numa crença intrínseca e adquirida com a própria vivência de que o casamento e o parceiro são fontes de afeto, e o excerto a seguir demonstra essa linha de pensamento:

Ah, eu acho que é o respeito mesmo, né? É esse afeto, esse carinho que a gente tem um pelo outro. E acima de tudo o respeito, né? Eu acho que é isso... Cumplicidade, é uma coisa de muitos anos, né? Aquela coisa de você olhar, e só de você bater o olho já saber se tá com problema, se tá sentindo uma dor, né? Se tá contrariado, cê entendeu? Tudo isso cê bate o olho e já sabe, né? 'O que foi? O que aconteceu?' (Esposa 9).

O sentimento de pertencimento valida o relacionamento como um espaço saudável para o crescimento de ambos os cônjuges, se eles partilharem afetos semelhantes e se mobilizarem atitudes análogas de enfrentamento dos dissabores. A renúncia, também apontada em alguns casos, envolve inteirar-se de si próprio e do outro, imbricando o movimento de empenho para comprazer as predileções do par em abstenção, momentânea ou não, das próprias inclinações. Isso é genuíno quando se pensa que a renúncia é assessorada pela noção de que o parceiro reconhecerá o gesto e, assim, sentir-se-á legitimado no relacionamento, mobilizando-o à continuidade da vinculação e dos afetos ali presentes (Carvalho & Paiva, 2010; Singly, 2005).

Essa clareza afetiva compartilhada, fruto dos anos de proximidade, também sensibiliza um conhecimento mais amplo e preciso sobre o estado afetivo do parceiro, que dispensa verbalizações e demonstra por meio de atitudes e comportamentos o que, de outra forma, passaria despercebido aos olhos do consorte. Esse pensamento encontra apoio no estudo de Costa e Mosmann (2015), que identificou a atenção à esfera emocional, tanto de si quanto do parceiro, como um componente de estratégias de prevenção de conflitos em casais unidos entre 20 e 32 anos.

O que parece claro é que a afetividade é enaltecida a partir do contraste com as diversas dificuldades com as quais vêm tendo contato, sugerindo que a sua emersão se dá mais notadamente em contextos desarmônicos, que denotam sua ausência ou realçam suas contribuições. A estabilidade e a segurança afetivas e emocionais ocupam lugar de destaque nessa dimensão, como mostrado a seguir:

O que me motiva, é porque eu gosto da companhia dele, entendeu? Eu gosto de viver com ele, da parceria da gente, do modo que a gente vive... que é o que te falei, é uma companhia pra tudo, pra desabafar, pra contar, pra segurar... segurança 'né', que você tem de estar com alguém do teu lado... é isso que me motiva a continuar! (Esposa 23).

Um relacionamento tido como mais seguro tende a evocar as suas potencialidades, únicas para cada casal, nesses momentos de desamparo e impasse, acentuando a importância da afetividade enquanto motivação para perseverar. Essa percepção mais favorável da qualidade do relacionamento também se relaciona diretamente com habilidades mais eficientes para lidar com os problemas, confirmando o que apontam Fonseca e Duarte (2014). Tais habilidades envolvem uma percepção mais apurada de si e do outro, bem como maior assertividade na comunicação.

Entretanto, os momentos de desarmonia e turbulência são esperados em qualquer relação, e vários elementos podem ser elencados como promotores do reequilíbrio ou como mantenedores ou complicadores do desequilíbrio. Por esse ângulo, sentir-se companheiro e sentir-se seguro, enquanto desdobramentos da afetividade, implicam não só a adesão às estratégias de manutenção como também uma percepção mais positiva da qualidade do relacionamento e vice-versa (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Landis et al., 2013; Margelisch et al., 2015). A maioria dos casais também indicou a presença e a importância dos filhos como essenciais para sustentar o laço conjugal e para assegurar a diáde enquanto família, locus de afeto e de perseverança, colocando a parentalidade como elemento promotor do reequilíbrio diádico, o que também foi apontado no estudo de Grizólio et al. (2015). A afirmação feita pelo Marido 3, quando inquirido sobre as principais fontes de ajuda em momentos de crise no casamento, ajuda a ilustrar essa ideia: “Foi os filho né, porque aí cê começa a pensar: vai separar... O quê que vai virar os filho?! Aí, então, acho que a força maior é disso daí” (Marido 3).

A partir desse trecho, observa-se que a parentalidade não necessariamente emerge como uma 'fonte de ajuda', mas como um elemento que justifica a vida a dois não apenas em termos de atribuição de sentido à família, mas da pressuposição da necessidade de os pais estarem casados para que os filhos possam se desenvolver de modo adequado. Vista a partir desse prisma, a parentalidade, nesses casais, também parece justificar o casamento e sua consequente manutenção ao longo do tempo. Há que se considerar que possuir filhos foi um dos critérios de inclusão dos participantes, o que também pode ter contribuído para a assunção desse motivo. O fato de os filhos desses casais já serem adultos e a maioria não residir mais com os pais pode ser problematizado nessa amostra, haja vista que a evitação do divórcio já não ocorre mais em função dos filhos serem pequenos e dependerem dos pais, mas em função de uma estrutura familiar consolidada em torno da união conjugal do casal parental.

As considerações sobre afetividade nessa categoria parecem ir ao encontro do que afirmam Carstensen et al. (1995), se pensarmos que afetos positivos tendem a se sobressair em indivíduos considerados saudáveis do ponto de vista emocional, ou seja, com maior expressão de emoções consideradas adaptativas como alegria, curiosidade, esperança e

otimismo. O corolário é refletido em um estilo de vida com atitudes menos destrutivas e mais construtivas, que visam o desenvolvimento e o amadurecimento do companheiro e colaboram com a excelência da qualidade do relacionamento, consubstanciando a afetividade como uma motivação para a manutenção do casamento.

Assim, a afetividade e a percepção mais favorável da relação parecem sobressair-se na história de cada díade, construída ao longo dos anos em meio a tantos entraves, conflitos e dissabores, sugerindo que sua potência reside justamente na capacidade de trazer à tona todo esse universo afetivo, como a perseverança, a dedicação, o afeto e o respeito. Esse universo é modulado pela consciência que cada parceiro expressa do investimento mútuo no projeto de vida a dois, indo ao encontro do estudo de Costa e Mosmann (2015), também realizado com casais longevos.

## **Categoria 2: casamento como instituição considerada tradicional**

Esta categoria agrupa as referências ao casamento considerado no seu caráter indissolúvel e eterno, sendo focalizadas em 113 menções ao longo das entrevistas, sendo 43 delas por parte das esposas (38,05%), 46 por parte dos maridos (40,71%) e 24 pelo casal (21,24%). A insinuação dessa conotação tradicional emerge ao longo dos discursos especialmente quando os casais tocam na essência das próprias vivências, ou seja, naqueles eventos que forneceram a base para a construção de suas próprias individualidades. A resposta do Casal 2 ao questionamento da estrutura do próprio casamento revela essa linha de raciocínio:

Esposa: Ah... Isso é, é a criação, né?

Marido: Eu acho que não é só a criação; é a criação e convivência.

Esposa: É... A criação, eu acho...

Marido: Tem que ter a convivência também.

Esposa: Porque a gente via os pais, como que era que era a vida deles, então acho que a gente tinha por obrigação de... De copiar, entendeu? Porque era o jeito que nós foi criado. Agora hoje não! Hoje é diferente, entendeu? Não adianta eu passar... Passar pro meus filhos tudo o que eu passei que eles não vai seguir, hoje não vai, não adianta. E eu não.. Eu já segui o exemplo da minha mãe, então eu acho que é ... é por aí (Casal 2).

O passado e o futuro são o baluarte do modelo de união que os casais conservam no presente, e que vêm conservando desde o seu início. A tradição, em seu sentido literal, é uma grandeza amplamente defendida pelos antepassados dos casais, e a transmissão dessa herança às gerações futuras é esperada em igual magnitude. Crescer e amadurecer numa família com eixos e valores morais considerados tradicionais pela cultura individualizante de hoje repercutiu intensamente na solidificação das crenças desses casais, que, como trouxe o trecho, ainda hoje utilizam esses aspectos como motivação para permanecerem juntos. Além disso, a convivência é apontada igualmente como um fator de cristalização da permanência no casamento, como acentuado pelo Casal 16:

Marido: Ah, eu acho que é o seguinte: em termos do que eu encaro, o que eu tenho hoje de luta, o que vale é a gente, como se diz, pela convivência do dia-a-dia e o costume, que a gente acostumou, então acho que, a gente, pra se separar, não é ruim só pra um, é ruim pros dois, entendeu? E o que eu acho difícil, como se diz... Ah, é assim 'Vamo se separar', o difícil é acostumar. Separar é de uma hora pra outra, agora acostumar é que é... (Casal 16).

A convivência a dois traz, então, o próprio cotidiano como fonte incontestável de confirmação e ratificação dessas crenças, absorvidas e fortalecidas ao longo dos anos de desenvolvimento e de contato com exemplos de outras uniões duradouras, indo ao encontro dos estudos sobre percepções mais favoráveis do laço matrimonial (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Landis et al., 2013; Margelisch et al., 2015). A tradição, aqui, opera no sentido de não abrir outra possibilidade para além da manutenção do casamento, ainda que o divórcio seja um fenômeno conhecido pelos casais. O cotidiano também pode ser compreendido como algo que aprisiona os casais em termos da expressão de outras possibilidades relacionais. A questão da convivência e de ter “se acostumado” com a vida a dois pode fornecer pistas em torno de que o casamento longo pode se constituir não exatamente como algo prazeroso e satisfatório, mas como campo de segurança emocional e de reafirmação de valores tradicionais transmitidos pelas gerações. O lugar do tradicional, do que não muda e do que se mantém apesar das transformações do ciclo vital parece ser recuperado constantemente por alguns casais. Os relatos a seguir demonstram como a convivência com os modelos familiares também produz efeitos na determinação dos papéis de gênero dentro do casamento:

É o que eu falo pra você. Eu fui criada, assim, pra ser resignada, né? Então, eu engulo muito sapo. Engulo pra não dar problema, então eu engulo sapo. Assim, não sempre, mas engulo (Esposa 22).

Sim, porque igual eu te falei, a vida de casado num é fácil, ela é então mútua, então tem momentos que às vezes você quer desanimar! Mas cê fala: 'Não, eu sou homem! Eu assumi o compromisso e vou honrar esse compromisso!' (Marido 8).

A ideia parece ser a de que foi difundida uma verticalização entre os papéis e as funções que podem ser delimitadas para cada parte do casal: os homens ocupam-se com os valores considerados viris e nunca desistir, e a mulher obstina-se com a resignação e a renúncia. Renúncia essa desprovida de prismas afetivos correspondentes, como discutido anteriormente, sendo apenas o invólucro da submissão feminina frente à defesa da honra pela contraparte masculina. É possível afirmar que a presença e a persistência dessa verticalização elevaram os ânimos das gerações posteriores ao questionamento do delineamento matrimonial e a relação com o posicionamento de papéis sociais. A luta pela igualdade de gênero (Araújo, 2005), crescente nas últimas décadas, contribuiu também para a exaltação do sentimento de liberdade, marcada pela fuga do que é tradicional, e da primazia pelo desenvolvimento da própria individualidade, afastando a concepção tradicionalista do casamento dos planos de vida dos indivíduos que constroem seus relacionamentos nos dias de hoje.

O choque de ideais é tão grande que a opinião unânime dos casais, quando inquiridos sobre a percepção do casamento na atualidade, foi a de que hoje as composições conjugais não são mais como eram em seu tempo. Esse pensamento encontra apoio no de Zordan, Falckee Wagner (2009), que identificaram em seu estudo uma divergência de ideais, entre as gerações, e de entendimentos do que é ou deve ser o casamento: a geração mais velha enxerga o matrimônio como uma instituição, produto de um contrato religioso ou civil, enquanto que a geração mais nova o apreende como produto da relação existente entre os companheiros, estritamente afetiva e subjetiva. Apesar do reconhecimento dessas diferenças, os casais entrevistados ainda se mantêm alinhados aos pressupostos mais tradicionais, reforçando estereótipos de gênero em suas relações.

Outra diferença bastante apontada pelos consortes é a de que, em momentos de intenso conflito, o enfrentamento das divergências é silenciada aos ouvidos das redes

sociais de apoio do casal e busca no seio do próprio relacionamento a sua resolução. Em contraste, os casais longevos apontam que hodiernamente os cônjuges não delimitam as extensões dos próprios embates e acabam por envolver amigos, familiares e instituições, como a igreja, no âmago desse embate. As fontes de exemplos dos casais longevos, também em unanimidade, parecem ser a imagem da família de origem e a religiosidade.

[...] eu acho, assim, se Deus deu aquela cruz pra você, você tem que carregar até o fim, já que cê assumiu aquela, aquela responsabilidade, como fala... Aquela missão. Você tem que carregar (Esposa 6).

A fé cristã, predominantemente praticada pelos casais da amostra, possibilita a associação dos seus princípios fundamentais na busca por *insights* que embasam mecanismos de manutenção do casamento, além de que a ética cristã supõe o compromisso com a indissolubilidade, como também indicado no estudo de Norgren et al. (2004) com casais unidos há mais de 20 anos no contexto brasileiro. A vinculação histórica que o catolicismo possui com o casamento é íntima e quase inseparável, e o entendimento do matrimônio enquanto manifestação afetiva, desvinculada das morais católicas, é um movimento que se inicia na modernidade, impulsionado pelo enaltecimento da cultura individualizante (Ariès, 1987). Todos esses vértices discutidos asseguram que a consideração tradicional da ideia do matrimônio funciona, para os casais longevos, como fonte e como elemento mantenedor da motivação para persistir no enlace, especialmente quando se pensa que eles não compartilham as mesmas concepções líquidas da sociedade contemporânea.

Há que se considerar que a maioria da amostra é composta por pessoas que professam a fé cristã, na qual o casamento emerge como um sacramento, ou seja, trata-se da divinização do espaço conjugal. Ao manifestarem essa pertença religiosa, trazem também elementos que costuram o modo como o casamento será experienciado, o que pode contribuir para explicar a busca por apoio religioso nos momentos de crise no casamento ou mesmo de asseguramento da estrutura conjugal como um sacramento que, apesar de poder ser legalmente desfeito, não pode se dar devido às crenças que orientaram a sua constituição. Observa-se, portanto, que ao mesmo tempo que a tradição, a convivência e a religiosidade mostram-se atreladas à manutenção do casamento, não se mostram como elementos que agregam qualidade à relação, mas reforçam uma espécie de compromisso como a indissolubilidade, o que será retomado na categoria 4.

### **Categoria 3: necessidade de adaptação**

A necessidade de adaptação foi mencionada 42 vezes ao longo das entrevistas, com 16 por parte das esposas (38,10%), 13 dos maridos (30,95%) e 13 do casal (30,95%), abordando a capacidade de ser flexível no movimento de acomodação das individualidades na conjugalidade (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010). O propósito comum do engajamento em novas condutas e da tomada de novas atitudes é o retorno ao equilíbrio da união, uma vez que as singularidades de cada consorte podem produzir oscilações no solo da união.

Ah, foi difícil... O início de casamento não é fácil. Você é livre, à vontade, e depois você casa, fica preso ali naquela pessoa, até que você dá pita... É difícil! E qualquer coisinha você não tem tolerância; depois você vai amadurecendo, você vê que não é assim, né? (Esposa 11).

Essa passagem evoca uma constatação sobre a percepção do início do convívio nupcial, e simboliza a noção de que o relacionamento cresce concomitantemente ao aprendizado assimilado dos impasses e das agruras que as oscilações da acomodação das particularidades de cada um engendram no território afetivo do casamento. O princípio do convívio matrimonial é marcado pela apropriação dos consortes da vivência a dois em relação às próprias expectativas e preconcepções elaboradas em momentos anteriores ao relacionamento, estampando a necessidade de adaptação como uma essência da relação diádica.

Ao mesmo tempo a passagem também exprime com excelência outra ideia estreitamente ligada à conservação da aliança: o amadurecimento pessoal. Carstensen et al. (1995) indicaram que vivências emocionais mais positivas suscitam atitudes de enfrentamento menos destrutivas e mais construtivas. O amadurecimento pessoal e individual tende a trazer experiências de crescimento mais saudáveis, em particular quando o diálogo, a compreensão e o respeito, traços que são mais ressaltados em indivíduos mais maduros do ponto de vista emocional, são consoantes com apreensões afetivas mais positivas da relação. Esse amadurecimento também diz respeito à predisposição para a renúncia e à abdicação de hábitos ou posicionamentos, saindo da zona de conforto em direção ao crescimento do relacionamento, como exposto pelo seguinte trecho:

Qualquer momento de raiva, de coisa, se for falar, cê baixa a cabeça e deixa pra depois. Depois cê chega de boa e fala 'Ah, rapaz, aquilo não tava certo, ou eu tava errada mesmo, vamo corrigir esse trem, vamo largar de mão pra isso pra lá, né?'. É o segredo do casamento, pelo menos pra mim foi esse (Marido 17).

Mais uma vez a compreensão, a flexibilidade e o diálogo permeiam o amadurecimento e a humildade, e juntos esses elementos parecem preludir uma mudança de cenários. Essa mudança de cenários pode ser estimulada pelas observações que o próprio cônjuge estabelece a partir de seu padrão de comportamento ou pelos registros e manifestações de seu par, como elucidado nas citações que se seguem:

A cabeça dela me mudou muito que, como diz, a gente quando tem uma idade, a gente quer levar a vida como era, é, tomar uma pinga, sair, andar, então foi ela. Eu olhava pra ela, assim, eu pensava que eu não podia fazer aquilo, que no fim separa nós dois e os filho, né, então falei que nós dois têm que vencer essa luta e vamo embora, né (Marido 17).

Esposa: Ele era muito custoso... Gostava duma pinguinha, sabe? Eu achava aquilo muito ruim... Saía pra trabalhar no sábado, eu não sabia se ele trabalhava ou não. Quando eu via ele chegava era tonto, eu achava aquilo um horror!

Marido: Tinha vez que atrapalhava, às vezes era a cerveja [risos].

Esposa: Aí eu ficava, assim, nervosa. De vez em quando ele tava... Eu nunca falei nada, sabe? Depois que ele chegava no certo, eu falava: 'Ó, você fez isso, isso, isso, isso, isso, isso e isso', 'Nossa! Eu falei isso pra você?', 'Falou sim'. Aí, agora, graças à Deus, ele consertou. Mas também, se não consertasse, né? Eu ia jogar ele fora... (Casal 10).

A percepção do esforço e da dedicação investidos na relação se desenrola paralelamente à declaração explícita de assumir-se imperfeito, demonstrando disposição na assimilação dos apontamentos para o aprimoramento pessoal. A percepção de si também possibilita a percepção do outro enquanto um indivíduo passível de crescimento, colaborando para a imersão em um terreno de reciprocidade e de presença que sustenta a

decisão de continuarem juntos. Essa análise, no entanto, não pode desconsiderar o fato de que o manejo de conflitos, nos casais entrevistados, partiu de aspectos narrados como renúncia, sobretudo por parte da esposa. A mulher, mostrando-se flexível e, por vezes, submissa, contribuiu para que alguns esposos pudessem, ao longo do tempo, modificar comportamentos considerados negativos por parte das esposas, comportamentos esses que poderiam culminar em divórcio. Assim, a disponibilidade de aguardar a mudança não revela apenas uma atitude de tolerância por parte da mulher, mas também a assunção de uma posição de passividade que lhe parece imposta pelo fato de ser mulher. Esses estereótipos de gênero, associando o feminino à paciência, ao cuidado e à abnegação, emergiram nos relatos desses casais, mostrando-se, em muitos, como uma posição naturalizada na relação, o que também dialoga com o contexto de vida desses casais e seus aspectos sociais e culturais, demarcando o casamento como um fenômeno que extrapola a dimensão da intimidade diádica (Torres, 2004).

#### **Categoria 4: impossibilidade de conceber a separação conjugal**

Esta categoria faz alusão à motivação encontrada na forma de pensamentos que inviabilizam a possibilidade da separação conjugal, representando a permanência no matrimônio ou personificando o medo de um estilo de vida imprevisível que sucederia a separação conjugal, e oferecem apenas uma alternativa aos consortes: a manutenção do relacionamento no presente visando à sua continuidade no futuro. Ao total foram detectados 28 apontamentos a essa categoria, com 21 menções por parte das esposas (75%), cinco por parte dos maridos (17,86%) e dois por parte do casal (7,14%).

Eu acredito que, a... A pessoa... Viver sozinha, principalmente quando chega uma certa idade... Ele sozinho é muito difícil! Então a vida a dois ela se torna mais fácil, ainda que ele... Tenha as lutas, mas como se diz, se tem com quem cê trocar uma ideia, se tem com quem cê conversar, como se diz, sabe? Então a vida a dois eu acho que é o... Uma das causas mais importante nessa continuidade (Marido 8).

A ideia de Carvalho e Paiva (2010) também parece se aplicar a esse contexto de longa duração, uma vez que a busca por uma vinculação que corresponda às expectativas de satisfação de cada um atingiu o seu objetivo, de alguma forma. No entanto, podemos questionar esse posicionamento, uma vez que afirmar que os casais permaneceram juntos ao longo dos anos não necessariamente equivale a considerar que as expectativas foram minimamente atendidas ou de que as principais expectativas se concretizaram, transformando a união em totem indispensável no seu planejamento de vida.

A questão do envelhecimento e da finitude da vida parece compor o cenário com o qual os casais vislumbram o seu presente e o seu futuro, imediato ou a longo prazo, como apontado pelo Marido 8, elencando os eventos mais importantes até aquele momento da vida como tesouros inestimáveis que desconsideram quaisquer hipóteses de descarte, e o casamento e o parceiro são tidos como joias preciosas, nesse sentido: “Então eu... Me apeguei a essa palavra que é: uma pessoa boa. Sabe? Isso aí foi uma joia que eu adquirir e que eu nunca pensei em dispor” (Esposa 8). Essa supervalorização do matrimônio está intimamente relacionada com a designação tradicionalista da instituição:

Você largar um pra pegar outro não adianta. E você vai separar, vai ter que dividir tudo, isso gera prejuízo não pra você, mas pros seus filhos! Aí a gente tem que ter muita cabeça nessa hora. E minha família foi assim, é casar pra ficar casado (Esposa 11).

A manutenção do casamento é atrelada à permanência do ideal conservador que remonta às raízes tradicionais da família de origem, implicando ainda num senso de unificação dos bens adquiridos e construídos para preservar a herança aos seus filhos e demais descendentes. Além disso, essa concepção pode ajudar a entender porque 75% dos relatos sobre o desejo de não se separar foi proferido pelas esposas, reforçando a concepção conservadora da definição de papéis e funções dentro do casamento. O homem sustenta o lar enquanto a mulher cuida deles, colocando-a numa situação que a impede de esperar sobre o seu próprio sustento, caso o seu futuro não envolva mais a presença do marido. A questão patrimonial parece ser, em alguns casos, importante para a consolidação dessa manifestação que inviabiliza a separação.

Eu acho, assim, como quer dizer... Porque hoje em dia eu acho que é muito difícil a pessoa viver sozinha, assim, sabe? Hoje em dia não, às vezes pode ser até mais fácil, porque todo mundo estudou, tem seu emprego, mesmo que não seja tão bom, mas vai ganhando seu dinheirinho. Eu não tive, assim, essa oportunidade de estudar muito, né? Porque morava no interior [...]. Aí eu não tenho como, quase, viver assim sozinha, né? Largando marido, né? Pra viver só (risos) (Esposa 15).

Afinal, um dos intuitos do casamento é a construção e a continuidade de uma vida a dois, possibilitando o desenvolvimento do lar e da família e constituindo uma fonte segura para o crescimento pessoal de todos os familiares. Talvez a permanência no matrimônio seja uma negação a um estado potencialmente nocivo e prejudicial aos indivíduos desses casais, estado esse destituído desses elementos que favorecem o crescimento pessoal dos membros da família. Além disso, essa linha de raciocínio pode exprimir modos de lidar com essa aversão à solidão como um estilo de administrar a conjugalidade e as individualidades, transmitindo ao outro indivíduo da díade os desejos e as expectativas e, assim, interferindo em seu desenvolvimento, que com certeza reverberará no próprio desenvolvimento, conforme Garcia e Tassara (2003).

O âmago que concerne essa categoria parece ser o de que conhecer alguém, construir a intimidade e compreender a singularidade existencial do parceiro, tudo isso demanda tempo, paciência, dedicação e cooperação, e a idade em que se encontram, o tempo de convivência e o patrimônio construído parecem se encaminhar à motivação de persistência no enlace nupcial. Há que se problematizar, aqui, que a dissolução do matrimônio envolve, para esses casais, o contato com dimensões que parecem ser de difícil manejo, como a possibilidade de envelhecer sozinho ou as dificuldades financeiras decorrentes de um divórcio. Assim, essa categoria opera dimensões tanto de ordem afetiva, como destacado na categoria 1, como de aspectos mais materiais e também centrados no poder da tradição sob a qual se sustentam esses casais. Aventa-se a possibilidade de que a manutenção, a partir desse viés analítico, reconheça mais movimentos que justificam a não dissolubilidade do que a motivação para permanecer juntos. Esses aspectos podem e devem continuar sendo investigados, possivelmente comparando casais em diferentes momentos do ciclo vital e em cenários socioculturais distintos, a fim de compreender os movimentos que se operam no fenômeno da manutenção do laço conjugal.

## Considerações finais

As motivações ou explicações apontadas configuram-se como importantes recursos de manutenção do matrimônio enquanto justificativas ou pretextos para manter a estabilidade em momentos de antagonismo e divergência, especialmente a afetividade

construída e a ideia herdada de indissolubilidade do laço conjugal. A parentalidade e a presença dos filhos também apareceram como fortes argumentos para manter o vínculo matrimonial, indicando que alguns elementos presentes na construção da conjugalidade funcionam como recursos para a sua própria sustentação.

As categorias analisadas compõem uma rede complexa que deve ser analisada de modo global e interdependente. Essas motivações ou explicações apontadas pelos participantes indicam uma dinâmica que se encerra ora em torno de aspectos mais individuais, ora em torno de elementos compartilhados no território afetivo da união, e ora em torno de elementos oriundos do próprio casamento, como a presença dos filhos. As motivações ou explicações parecem ressaltar o caráter considerado tradicional do casamento, em uniões de longa duração. O culto à liberdade e à individualização, nos dias que correm, entrechocam-se violentamente com a perseveração dos enlaces afetivos, notadamente os laços conjugais, o que fornece dicas e pistas das diferenças de valores e de baluartes considerados como essenciais para a constituição de qualquer relacionamento, seja ele qual for. A cultura da perseveração dos casais longevos apontou para categorias de motivações ou explicações que sustentam a união frente às tantas divergências que podem emergir durante o processo de desenvolvimento pessoal.

Percebeu-se que há manutenção não só do casamento em si, mas de todo o universo que ele encerra; para citar, dentre outros elementos: a religiosidade; a definição de papéis sociais entre os gêneros; a afetividade; e as concepções herdadas dos hábitos culturais considerados tradicionais. Assim, as motivações ou explicações parecem ser direcionadas pelas experiências afetivas diretas, como as vivências próprias, dos antepassados e das redes sociais próximas, incluindo a religião, e parecem também reafirmar o casamento em seu caráter tradicional e indissolúvel.

Este estudo possibilitou uma compreensão mais ampla das uniões de longa duração nas últimas décadas a partir de um olhar pormenorizado acerca das narrativas desses casais e suas próprias experiências. Ainda que a proposta qualitativa possua limitações em termos da generalização de seus achados, por exemplo, opera-se a possibilidade de uma leitura mais concreta e aprofundada acerca do que mantém um casamento. A originalidade dos resultados aqui discutidos parece ser a de que muitos elementos entrelaçam-se nessa manutenção para além dos aspectos recuperados na intimidade do casal, o que provoca a necessidade de leituras mais contextualizadas socialmente no sentido de compreensão da conjugalidade. A construção desses conhecimentos favorece o seguimento das investigações, uma vez que os relacionamentos afetivos na contemporaneidade, notadamente os conjugais, são intimamente vinculados a tais descobertas. Além disso, contribui com discussões que avaliem ao mesmo tempo as especificidades de cada relação e também os paradigmas hegemônicos das relações humanas, permeadas pela volatilidade e pela individualização que guiam a vida do ser humano hodiernamente.

A análise sob a perspectiva dos principais expoentes da literatura científica acerca da conjugalidade também limita o avanço exploratório da temática, pois ainda assim é uma literatura escassa e apenas uma perspectiva de análise dentre tantas outras sobre este assunto. As peculiaridades da amostra, em sua grande maioria católica praticante e recrutada em cidades interioranas, pode sugerir o comprometimento com a indissolubilidade e o arraigamento a valores tradicionais, refletindo nos discursos de manutenção e na própria duração do casamento. Coloca-se a necessidade de futuras e constantes indagações e reflexões acerca do assunto, procurando apreender, por exemplo, a relação existente entre as motivações ou explicações de casais longevos e as motivações

ou explicações de recém-casados, ou explorando ainda mais os próprios engendramentos dos casais de longa duração e suas transformações ao longo do ciclo vital.

## Referências

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia, 25*(2), 487-501. doi: 10.9788/TP2017.2-05
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos, 9*(1), 32-50.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: Revisitando o debate. *Psicologia Clínica, 17*(2), 41-52.
- Ariès, P. (1987). O amor no casamento. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs.), *Sexualidades ocidentais* (p. 153-162). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bardin, L. (1977/2010). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa, PT: Edições 70. Publicado originalmente em 1977.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(3), 89-103.
- Carstensen, L. L., Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1995). Emotional behavior in long-term marriage. *Psychology and Aging, 10*, 140-149. doi:10.1037/0882-7974.10.1.140
- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2010). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia, 59*(131), 223-235.
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP, 16*(2), 16-31.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto), 20*(46), 269-278.
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 30*(2), 135-143. doi: 10.1590/S0102-37722014000200002
- Gallagher, I. M., Féres-Carneiro, T., & Henriques, C. R. (2013). Planos para o futuro: percepções de filhos adultos coabitantes com os pais. *Revista da SPAGESP, 14*(2), 4-18.

- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Grizólio, T. C., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long-term marriages. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 663-674.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2013). *Estatística do registro civil 2013*. Rio de Janeiro, RJ. Recuperado de: <http://loja.ibge.gov.br/estatisticas-do-registro-civil-2013.html>
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: a review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118, 3-34. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.3
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic coping and marital satisfaction of older spouses in long-term marriage. *GeroPsych*, 26(1), 39-47. doi: 10.1024/1662-9647/a000077
- Margelisch, K., Schneewind, K. A., Violette, J., & Perrig-Chiello, P. (2015). Marital stability, satisfaction and well-being in old age: variability and continuity in long term continuously married older persons. *Aging & Mental Health*, 21(4), 389-398. doi: 10.1080/13607863.2015.110219
- Meihy, J. C. S. B. (2006). Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, 155(2), 191-203.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- O'Leary, K. D., Acevedo, B. P., Aron, A., Huddy, L., & Mashek, D. (2012). Is long term love more than a rare phenomenon? If so, what are its correlates? *Social Psychological and Personality Science*, 3(2), 241-249. doi: 10.1177/1948550611417015
- Petrican, R., Moscovitch, M., & Grady, C. (2014). Proficiency in positive vs. negative emotion identification and subjective well-being among long-term married elderly couples. *Frontiers in Psychology*, 5, 1-20. doi: 10.3389/fpsyg.2014.00338
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. doi: 10.4013/ctc.2013.61.05
- Rosowsky, E., King, K. D., Coolidge, F. L., Rhoades, C. S., & Segal, D. L. (2012). Marital satisfaction and personality traits in long-term marriages: An exploratory study. *Clinical Gerontologist*, 35, 77-87. doi: 10.1080/07317115.2011.639855
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Correlations between subjective wellbeing, dyadic adjustment and marital satisfaction in Brazilian married people. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 166-176. doi: 10.5209/rev\_SJOP.2012.v15.n1.37304
- Singly, F. (2005). *Le soi, le couple et la famille*. Paris, FR: Armand Colin.

- Torres, A. (2004). Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. *Caderno CRH*, 17(42), 405- 429.
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: Uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96. doi: 10.4013/ctc.2009.22.03
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76.
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade: uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica*, 13(2), 1-15. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>

*Recebido em 03/01/2018*

*Aceito em 19/07/2018*

---

*Lúcio Andrade Silva*: Psicólogo pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

*Fabio Scorsolini-Comin*: Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela mesma instituição. Docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica da mesma instituição.

*Manoel Antônio dos Santos*: Professor titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.